

Artes plásticas

A Arte jovem da Bienal de Paris

CASIMIRO DE MENDONÇA

Dois museus e 37 galerias de arte estão na última semana de preparativos para inaugurar solenemente, na próxima quinta, a "Manifestação Bienal e Internacional de Jovens Artistas" ou seja, a 8.ª Bienal de Paris. O único limite para participar da mostra é a idade — de 20 a 35 anos — e a partir da próxima semana, 96 artistas, ou grupos que trabalham em conjunto, vão dar um resumo do que é a vanguarda das artes no mundo todo.

A Bienal de Paris já sofreu suas crises, como acontece com todas as grandes exposições mundiais. Por isso também é que esta inauguração está sendo aguardada com uma dupla expectativa. Para mostrar a vanguarda do mundo inteiro, ela não podia ficar apenas no plano de uma exposição de artes visuais. E vai incluir um departamento de cinema, uma seção de audio-visuais, uma lista de acontecimentos de teatro, dança, música clássica, jazz e "Pop Music" e ainda uma enquete sobre a situação artística mundial, em relação à educação e ao ensino das artes.

— "Ela foi criada para dar uma oportunidade aos artistas jovens, de apresentar e confrontar os seus trabalhos" e isto já consta no 1.º item do seu regulamento. Dentro deste espírito, a liberdade de temas é total e um novo sistema de julgamento foi colocado em ação.

Uma rede de 70 correspondentes, escolhidos no mundo inteiro entre críticos de arte, conservadores de museus e jornalistas, começou a enviar relatórios sobre acontecimentos artísticos e sobre o trabalho individual de artistas de cada país. A partir dos relatórios, uma comissão internacional de 12 membros escolheu os convidados que dariam uma visão conjunta do que há de novo na arte.

A Comissão mostra um equilíbrio entre várias tendências: Daniel Abadie, crítico de arte em Paris, Jean-Christophe Ammann, conservador do Kunstmuseum de Lucerna, Wolfgang Becker, conservador da Neue Galerie, de Aix-La Chapelle, Gerald Forty, diretor do departamento de Fine Arts do British Council, Jennifer Licht, do Museu de Arte Moderna de Nova York, Toshiaki Minemura, crítico de arte de Tóquio, Raoul-Jean Moulin, crítico de arte de Paris, o escultor Ansgar Nierhoff

de Colonia, o pintor Antonio Saura, de Madrid, Gys van Tuyl, conservador do Museu Stedelijk de Amsterdã e o crítico de Bucarest, Radu Varia, que também vai participar do júri da Bienal de São Paulo.

Antonio Dias, que este ano mostrou seus trabalhos na Galeria Ralph Camargo, vai ser o único convidado brasileiro. Mas dentro do novo regulamento, o convite é feito de forma pessoal, para dar um caráter mais amplo ao conjunto e reforçar a expressão individual de cada convidado.

As vezes, dentro das novas tendências, o artista procura eliminar até mesmo o seu nome. É o caso dos "Artistas

Anônimos", que vão apresentar trabalhos em madeira, "ready mades" e objetos e que na verdade são dois gêmeos da Polônia. A "Scene de Dusseldorf", outro grupo que inclui vários artistas, só tem em comum a cidade, mas faz questão de participar com essa etiqueta. Outra dupla famosa que está incluída este ano é a "Equipe Crônica", da Cidade espanhola de Valência, celebre pelas reproduções de pedaços de telas de Goya, Velasquez e El Greco, dentro de painéis fotográficos e colagens de objetos. Entre os franceses, Christian Jaccard e Bernard Moninot já participaram da Bienal de 71 e Antonio Dias também já figurou em mais de uma Bienal. Entre os estreantes, a surpresa poderá ser Jean Clareboudt, que enviou o seu dossier de proposta e acabou sendo aceito pela comissão. Seu trabalho tem um título bem longo — "La route est la boîte refermée aux yeux mi-clés" que ele explica como a atualização de um mito em três épocas e quatro mutações, inclui três ambientes diferentes e mostra uma série de objetos, fotografias, roupas e vegetais.

— "A dimensão imaterial que eu procuro, ele explica, será vivida e criada com o visitante, durante a duração indefinida do tempo da Bienal. Para as quatro mutações eu uso a madeira, o trigo, a mesa e a terra. Sou um 'plat-form man' e procuro criar o acesso a níveis diferentes de consciência. No primeiro ambiente, quer mostrar a transformação física da matéria, no segundo, a transformação secreta e no terceiro, a transformação psíquica.

Para todas essas experiências, a Bienal também aumentou o seu espaço. Da "Parc Floral" onde era realizada, passou para o Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris e para o Museu Nacional de Arte Moderna, às margens do Sena, na avenida presidente Kennedy. Durante a temporada da Bienal, de 14 de setembro a 23 de outubro, 37 galerias da cidade também preparam "Exibições Paralelas" com artistas de menos de 35 anos que já tiveram participação em bienais anteriores. Com a extinção da lista de premiações da Bienal de Veneza, com a situação indecisa da exposição de Praga, a Bienal de Paris é a ultima grande exposição ao lado da Bienal de São Paulo, que tenta adaptar-se aos anos 70 e readquirir o vigor inicial.



Nikolaus Lang, de Hamburgo, inclui penas, cordas, fios de cabelo e objetos de uso como parte de suas composições.



O inglês John Firth-Smith mostra faixas de cores justapostas e imensas superfícies trabalhadas com tinta acrílica